Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo da FAC www.unb.br/fac/campus + campus@unb.br Universidade de Brasília



Foto: Vilma Bastos

A comida do bandejão é feita em escala industrial, mas o consumidor tem no prato um alimento fresco. Nas lanchonetes e nos quiosques, os salgados e doces caseiros podem enganar. A fiscalização é feita pela Vigilância Sanitária e pela Prefeitura. Página 4

Campus

256 :: primeira quinzena de maio de 2001 - FAC- UnB

DEFINIDOS CANDIDATOS A REITOR

Nepomuceno e Gustavo Lins unem forças, Volnei mantém candidatura isolada, Morhy tenta a reeleição e se desincompatibiliza. A decana Ana Maria Fernandes assume o cargo em seu lugar. A partir de hoje, acompanhe os desdobramentos do processo eleitoral no Campus On Line (www.unb.br/ fac/campus).



Antônio Nepomuceno, Lauro Morhy e Volnei Garrafa são os candidatos a reitor da UnB. Morhy acabou com o suspense oficializando sua candidatura. O pré-candidato Gustavo Lins Ribeiro agora é o vice de Nepomuceno, o que não chegou a surpreender.

A aliança da oposição era esperada. A novidade foi Volnei não ter aderido à chapa. Desde outubro do ano passado, os três pré-candidatos discutiam sobre a formação de uma chapa única. As propostas são semelhantes e nunca foram obstáculos insuperáveis. A união dependia apenas da forma de composição da chapa. Quem sairia como cabeça, quem seria candidato a vice e quem ficaria no apoio.

Volnei acredita que é o opositor com mais intenções de votos. Por isso, não abria mão de ser o cabeça de chapa. "Se nós fechássemos um acordo, eu teria liderança o suficiente para fazer com que meus eleitores votassem no candidato escolhido. Mas os outros candidatos não conseguiriam passar seus votos, porque são lideranças fracas", argumenta Volnei, que acabou de fora do acordo.

Nepomuceno e Lins se aliaram buscando o fortalecimento dos dois grupos políticos que representam. "A união aconteceu justamente porque tínhamos muito em comum", justifica Nepomuceno. Lins ficou como vice, mas adianta: "Durante a campanha, ficará clara a contribuição do meu grupo à chapa diante dos interesses da UnB".

As normas da campanha serão decididas em reunião da Comissão Organizadora da Consulta (COC) com os candidatos. A partir daí, os reitoráveis terão pouco mais de um mês para divulgar suas propostas. As eleições vão acontecer nos dias 19 e 20 de junho.

Continua na página 5

VIZINHOS QUASE INVISÍVEIS

Grupos e famílias fixos e itinerantes que há mais de duas décadas convivem com a UnB moram em áreas irregulares nas proximidades do campus

Quem freqüenta a Universidade de Brasília provavelmente conhece o Minas Brasília Tênis Clube, o Hospital Universitário de Brasília (HUB), o Clube Vizinhança da Asa Norte e a Estação Experimental da Biologia. Todos eles às margens das vias de acesso ao campus. No entanto, pouca gente sabe que ao lado desses locais, em vilas e acampamentos, vivem pescadores, catadores de latinhas, donas-de-casa, vigias de clube, estudantes.

Apesar de estarem tão perto de uma das maiores instituições de ensino superior do país, eles não sabem como ela funciona e para que serve. Dos sete locais mapeados pela reportagem do **Campus**, em apenas dois, moram estudantes ou ex-estudantes da UnB. Além de terem uma baixa escolaridade, muitos de nossos vizinhos precisam de assistência social, médica e, principalmente, jurídica.

Quatro dos grupos visitados estão envolvidos há anos em processos judiciais pela regularização dos terrenos. Por conta disso, famílias como a de Rosalina Vasco, 40 anos, enfrentam dificuldades para conseguir linhas telefônicas e abastecimento de água e luz. "Tenho que puxar tudo da rua", admite Rosa, como é conhecida a dona-de-casa mineira que mora há 15 anos no terceiro lote ao lado do HUB. Rosa encontrou vazio o barraco de madeira onde criou sozinha os cinco filhos. Quatro deles ainda moram com a mãe. O filho mais velho, por exemplo, casou e está construindo uma outra casa de madeira no mesmo lote.



Foto: Vilma Bastos

Rosalina aluga parte do terreno onde mora para anunciantes. "Preciso criar meus filhos e netos"

O sustento da família vem do aluguel pago pelos quatro anunciantes que usam a parte da frente do terreno. Rosalina ganha R$ 60,00 mensais por *outdoor*. Apesar de não saber o quanto o aluguel está abaixo do mercado publicitário, ela pretende cancelar os contratos assim que conseguir um bom emprego.

Continua na página 7

Leia também:

Professores

O MEC está preparando um projeto de lei para acabar com a estabilidade dos professores, e, assim, incentivar a produtividade dos docentes. Resta descobrir: quem se habilita a ganhar R$ 362,88 - salário inicial de um professor na Universidade Federal do Ceará - para dar aulas?

Página 3

Esportes

Conheça os programas de esportes que podem ser praticados dentro do campus. Existem atividades para todos os gostos, do *kung fu* à dança flamenca.

Página 6

Morando na CEU

Estudantes dividem o apartamento e parte da vida com colegas estranhos. Problemas de relacionamento e dificuldades na hora de enfrentar o fogão são alguns dos obstáculos que os moradores têm que enfrentar.

Página 8

• 256 • 1ª quinzena de maio de 2001 • FAC-UnB



A seção Carta do Leitor agora se chama Espaço do Leitor e ganha mais destaque. Desta forma, pretendemos demonstrar a importância do leitor para o Campus, buscando uma maior interação entre o público e o jornal.

ESPAÇO DO LEITOR

CAMPUS DE CARA NOVA

A meu ver, o novo design gráfico do **Campus** é sensivelmente melhor do que o anterior. As pautas, no entanto, poderiam ser melhores, de maior interesse à comunidade universitária.
Diego Escosteguy

O novo formato do jornal-laboratório **Campus** não me agradou. Apesar de agora ser totalmente colorido, as novidades deixaram de lado duas de suas grandes vantagens: o formato tablóide e o sofisticado projeto gráfico, que facilitavam a leitura.
Rafael Ribeiro Araújo

As mudanças no **Campus** contribuíram para torná-lo mais moderno e semelhante aos jornais em circulação. O que não mudou foi a qualidade do jornal. Continua sério, independente e inteligente, características que conferem credibilidade ao **Campus**.
Katrine Boaventura

NOVOS GRÁFICOS

O novo projeto editorial, inspirado na edição comemorativa dos 30 anos do **Campus**, acabou exagerando no quesito ilustração. Achei de mau gosto aqueles curativos na primeira página. De modo geral, gostei das mudanças no jornal, elas precisam apenas de um retoque.
Thaís Borges de Farias



O **Campus** mudou para melhor. Muita coisa, no entanto, ainda pode ser implementada ou melhorada. É o caso dos infográficos introduzidos no jornal.

Sugiro a ampliação do uso de recursos como este.
Bruna Viana Silveira Paes

As mudanças gráficas do **Campus** tornaram-no bem mais atraente. Apesar dos elogios, o **Campus** precisa de alguns retoques. A qualidade da impressão das fotos é um deles. Grande parte das fotos impressas no jornal estão "tremidas".
Ana Raquel M. Ferreira

Embora o uso de cores engrandeça as matérias e a apresentação do jornal, é possível perceber uma certa confusão entre elementos coloridos e em preto e branco, o que compromete a unidade visual do jornal.
Igor Marx Lima e Silva

MINORIAS DA UnB

Um aspecto importante dessa nova proposta editorial foi a preocupação com as minorias da UnB: portadores de deficiências e alunos do noturno, geralmente esquecidos em nossa pautas. Que tal no próximo Campus reportagens sobre homossexuais e alunos carentes que não conseguem comprar livros?
Manoel Cordeiro de Lima

VISITAS AO CAMPUS

A redação do **Campus** recebeu a visita de Daniele Lessa, personagem da reportagem "Poucos avanços para grandes necessidades", matéria publicada na edição anterior. Na ocasião, Daniele elogiu a reportagem e a atenção do jornal para questões relacionadas aos portadores de necessidades especiais. Mesmo elogio fez José de Ribamar Oliveira do PPNE (Programa de Apoio aos Portadores de Necessidades Especiais). José de Ribamar aproveitou a visita para pegar mais exemplares e distribuir na reunião do Programa.

A visita do pessoal do *Jornal E.T.C.* resultou em uma parceria entre os alunos e a equipe do jornal comunitário. O *Jornal E.T.C.* é feito pela comunidade de Monte Alto, em Padre Bernardo-GO, que fica no entorno do DF. Os alunos do **Campus** estarão participando do fechamento de um dos exemplares do Jornal E.T.C., no dia 05 de maio, em uma oficina de jornalismo.

Manoel Dourado Bastos
Editor de Opinião

EXPEDIENTE

Jornal Laboratório do Departamento de Jornalismo/FAC - UnB
Ano 31, nº 256
1ª quinzena de maio de 2001
Campus Universitário Darcy Ribeiro, Faculdade de Comunicação
ICC Ala Norte, cx. postal: 04660
Brasília - DF. CEP: 70910-900

Editora-chefe
Lilian Tahan

Editorias
Opinião: Manoel Dourado Bastos
Ensino Superior:Marcondes Bé
UnBServiços: Rafael Villas Bôas
Humor: Nina Guimarães
Cidades: Juliana César Nunes
Comportamento: Thaís Ceglinski
Fotografia: Rodrigo Montenegro

Reportagem
Aline Falco, Augusto Castro, Cláudia de Araújo, Flávia Alvarenga, Flávia Duarte, Isabel Fonseca, Marcondes Bé, Marcus Amaral, Michel Gomes, Otto Valle, Sandra Costa, Wellton Máximo

Fotografia
Augusto Castro, Daniel Araújo, Flávia Gomes, Roberto Fragoso, Thaís Ribeiro

Diagramação e revisão
Cláudia de Araújo, Flávia Gomes, Gabriel Reis, Rodrigo Oliveira

Projeto gráfico
www.yuryhermuche.com

Ilustrações
Fabiano Ribeiro, Manoel Bastos, Marcondes Bé, Roberto Fragoso

Equipe online
Cristiano Torres, Fábio Pereira, Roberto Fragoso

Professores responsáveis
Aglael Lavoratti, David Renault, Márcia Marques, Susana Dobal

Publicidade
Alunos da disciplina Direção de Arte

Impressão
Correio Braziliense

Tiragem
4 mil exemplares

Telefone: (61)307-2463
Fax: (61)347-7671
e-mail: campus@unb.br
www.unb.br/fac/campus

EDITORIAL

Dinamismo da notícia

Dedicação e paciência foram virtudes da equipe que produziu essa edição do **Campus**. Dedicação dos repórteres que apuraram suas pautas com cuidado e apreço, como se cada um estivesse incumbido da capa do jornal. Paciência dos editores em lidar com grande quantidade de informação em pouco espaço.

Entre a produção das informações e a edição dos textos, mudanças são inevitáveis. Tal dinâmica requer trabalho árduo da equipe que se vê obrigada a reorganizar tantas vezes quanto necessário o jornal. Uma semana antes do fechamento, a matéria das eleições para reitor tomou fôlego e virou a manchete do jornal.

A decisão de trazer "Definidos candidatos a reitor" para capa tem forte argumento. Em vez de quatro chapas, como definido há um mês, agora são três na disputa pela cadeira do reitor. O précandidato Gustavo Lins, desistiu da candidatura e passou a vice de Nepomuceno. Não poderíamos perder a oportunidade de oferecer ao leitor do **Campus** matéria exclusiva.

Dando continuidade à série de matérias sobre a falência das universidades, o tema deste número conta a situação caótica dos professores nas Universidades Federais. Há três anos, as Federais não contratam novos professores por determinação do Governo Federal. O déficit de profissionais chega a sete mil.

Além disso, a reportagem "Federais Sofrem sem Professores" mapeia a polêmica sobre as novas regras para o próximo concurso. Se confirmado que a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) vai reger a contratação, os professores perderão benefícios como aposentadoria integral e estabilidade.

O leitor ainda vai conhecer um pouco da vida de quem está direta ou indiretamente envolvido com a UnB. "Vizinhos Quase Invisíveis" relata a ocupação irregular de lotes públicos nas proximidades do campus. Histórias de vida que sintetizam o panorama social no Distrito Federal. "Bem-vindos ao CEU" mostra a realidade da vida de jovens para quem a UnB é o próprio lar. O aprendizado na Casa do Estudante Universitário vai além dos livros.

ARTIGO

Que universidade queremos?

Edmilson Lima

Este é um ano de darmos posse ao reitor da Universidade de Brasília e nós, representantes sindicais dos funcionários técnico-administrativos, trazemos nossas linhas para discussão com a comunidade universitária, no entendimento inclusive de que a prática do debate sobre a Universidade deve ser uma constante no campus universitário.

Precisamos livrar a Universidade da desastrosa situação na qual ela se encontra. A UnB é um exemplo do que acontece hoje em várias universidades públicas do país, uma universidade que tem fugido consideravelmente de seu papel primordial – todos estamos assistindo a isso.

Precisamos livrar a universidade da desastrosa situação na qual ela se encontra

A UnB tem primado pela falta de transparência, de democracia, a formação de novos profissionais é só mais uma das atividades da universidade; a política de gestão da universidade tem sido a aplicação do mesmo projeto neoliberal que o governo federal vem implementando no país. Por isso, é oportuno perguntarmos: que modelo de universidade queremos?

Defendemos que a Universidade tenha um novo papel social? Queremos que a nossa universidade pública seja autônoma de fato? Queremos que a obtenção de recursos externa feito pela universidade seja aplicada para seu custeio? Queremos que a produção da ciência e tecnologia e a formação dos profissionais nas universidades devam estar prioritariamente direcionadas para a solução dos grandes problemas nacionais, como a saúde (cólera, Aids, malária...), a fome, o desemprego, a habitação?

A transformação da universidade passa preliminarmente pela democratização das suas estruturas: as portas da universidade devem estar abertas à comunidade universitária.

Vários fatores emperram o bom funcionamento da Universidade. O neoliberalismo ataca a instituição por vários lados, seja pelo sistema de avaliação, seja nas eternamente necessárias campanhas salariais, seja por meio de PECs (Projetos de Emendas Constitucionais) que são sempre nocivos ao ensino público e gratuito, seja agora recentemente pela proposta do governo para o emprego público, que precisamos rejeitar veementemente.

Precisamos livrar a universidade pública da terceirização e suas maléficas conseqüências. Precisamos fazer de tudo para que o ensino volte a ser prioridade e que a transparência, o diálogo e o respeito tomem o lugar da arrogância.

Edmilson Lima é coordenador de Política Sindical do SintFUB (Sindicato dos Trabalhadores da Fundação Universidade de Brasília).

OMBUDSMAN

César Henrique Arrais

Só faltou contexto

Extremamente louvável a iniciativa do Campus de publicar, até o fim do semestre, uma série de reportagens sobre a crise nas universidades públicas e como essas estão se virando para manter um padrão satisfatório na qualidade de ensino. A reportagem inicial, "Curativo para Universidade", manchete do impresso, tratou das alternativas as quais as instituições estão recorrendo para angariar mais recursos para seus cofres.

A matéria, classificada de "inconsistente" pela leitora Thaís Borges da Faculdade de Comunicação, parte do pressuposto de que as verbas repassadas pelo Governo Federal para as universidades públicas são insuficientes. Para provar tal tese, a reportagem fala na falta de água nos bebedores, na escassez de professores, sucateamento de laboratórios e baixos salários de funcionários. E só! Não há um só dado oficial que comprove tais afirmações.

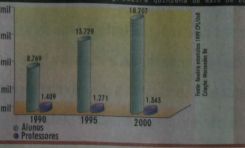
Tudo bem que é bastante claro que a situação das universidades, notoriamente da UnB, está bem longe do ideal. Também é pra lá de evidente que os quase sete anos de Governo Fernando Henrique – entenda-se equipe econômica e FMI – não privilegiaram nem um pouquinho as instituições federais de ensino superior. Entretanto, uma reportagem introdutória de uma série acerca da crise nas universidades não se pode basear apenas em evidências. São necessários dados concretos que dêem a real dimensão do problema. Quanto afinal Governo repassa ? Por que a quantia não é suficiente? Será que o dinheiro não é mal administrado?

A falta de dados perdura na mesma matéria quando se fala dos órgãos da UnB que legalmente podem captar fundos para a universidade. Não fica claro qual é a importância de cada um desses órgãos, qual sua parcela de contribuição, quanto eles arrecadam – somente é mostrada a arrecadação do ano passado do Cespe, entidade que é uma "caixa-preta" (?) segundo a reportagem.

A forma como o dinheiro captado pelos órgãos é aplicado também é tratada de forma por demais genérica. Em uma outra reportagem da edição, que aborda a eleição para a reitoria da UnB, os candidatos oposicionistas ao reitor Lauro Morhy se queixam exatamente da falta de clareza da utilização da verba extra conseguida pela universidade. Exemplos práticos da aplicação desse dinheiro poderiam dar ao leitor uma noção mais exata da importância de tais órgãos. Espera-se que as próximas reportagens da série pequem menos no quesito contexto.

*Mande suas críticas, comentários e sugestões para o Ombudsman ou editor de Opinião por e-mail (**campus@unb.br**), cartas, telefone (307-8364) ou fax (347-7671).*

Alunos X Professores



Ao lado, a evolução do número de alunos e professores na UnB. Enquanto a quantidade de alunos matriculados dobrou, a de docentes manteve-se estável. A conseqüência são turmas mais cheias. O número de alunos por professor pulou de 6 para 13.

Federais sofrem sem professores

Universidades precisam de 7 mil professores para repor o quadro, mas o próximo concurso deve atender a menos de 30% da demanda

Marcondes Bé, Flávia Alvarenga e Sandra Costa

O último concurso para contratação de professores universitários pelo Regime Jurídico Único (RJU) está sendo preparado pelo Ministério da Educação (MEC). O objetivo é que todos os professores das universidades federais passem a trabalhar de acordo com as normas da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), como qualquer empregado do setor privado.

Isso é o que diz o projeto de lei preparado pelo MEC que está prestes a ser enviado ao Congresso Nacional. Além da contratação de professores, o ministério estuda mudanças no Programa Especial de Treinamento (veja box ao lado).

Pelas contas do Ministério, o déficit de professores nas universidades federais chega a 7 mil, mas o próximo concurso deve atender apenas parte dessa demanda. Algumas fontes estimam entre 2 mil e 2.2 mil vagas. Segundo o secretário de Educação Superior do MEC, Antônio MacDowell, será um concurso emergencial e o edital deve sair ainda neste semestre.

O assunto é polêmico. Para o vice-reitor da UnB, professor Timothy Mulholland, o projeto de lei acaba com as maiores vantagens comparativas das universidades: a estabilidade e a garantia de uma aposentadoria integral. "Comparando com o setor privado, compensamos os baixos salários com um bom ambiente de trabalho e uma aposentadoria invejável", enfatiza Mulholland. Mesmo com essas vantagens, o vice-reitor admite a dificuldade de se controlar a produtividade dos docentes.

Já o professor de Ciência Política Ricardo Caldas concorda com a idéia do Ministério, pois acredita que essa é uma maneira de tornar a universidade mais eficiente. "A instituição deve procurar profissionais com perfil de pesquisador", explica. Ele argumenta que alguns professores da UnB nunca publicaram nenhuma pesquisa mesmo dando aulas há 20 anos. "Também sou a favor que se criem metas para os professores", completa o cientista político.

Segundo Mulholland, os salários na UnB chegam a 5.700 reais

Ainda em 1999, foi criada a Gratificação de Estímulo à Docência (GED), como forma de incentivar a produtividade dos professores. Pelas regras da GED, um professor titular pode acrescentar até R$ 1.600,00 ao salário, se atingir 140 pontos. Os professores ganham pontos por número de horas/aula, cargos de chefia, publicações e coordenação de pesquisas e atividades de extensão.

Com a gratificação, o teto salarial na UnB é de aproximadamente R$ 5.700,00. Esse rendimento é expressivo, se comparado com os salários de outras universidades públicas. Na Universidade Federal do Ceará, por exemplo, um professor em início de carreira ganha R$ 362,88, ou dois salários mínimos.O teto não passa de R$ 3.200,00 para professores titulares com doutorado e dedicação exclusiva.

No meio da discussão, surgem mais números que ajudam a entender a briga. Desde o início da década de 90, o número de alunos na UnB passou de 8.790 para 18.207. Nesse mesmo período, a quantidade de professores diminuiu 4,5%, causando um déficit no número de disciplinas ofertadas. Para o vice-reitor, a solução seria contratar professores por meio de concursos, mas uma norma do MEC proíbe as universidades de realizar concursos desde 1998.

Na UnB, a falta de professores é maior nos cursos criados recentemente, como o de Veterinária e o de Farmácia. Esses cursos possuem poucos professores titulares em seus quadros. "Para resolver o problema da UnB, precisaríamos de pelo menos 300 novos professores para repor o quadro", afirma o vice-reitor. "Se isso não acontecer, vamos entrar em colapso", completa.

PET sobrevive mas passa por mudanças

Marcus Amaral

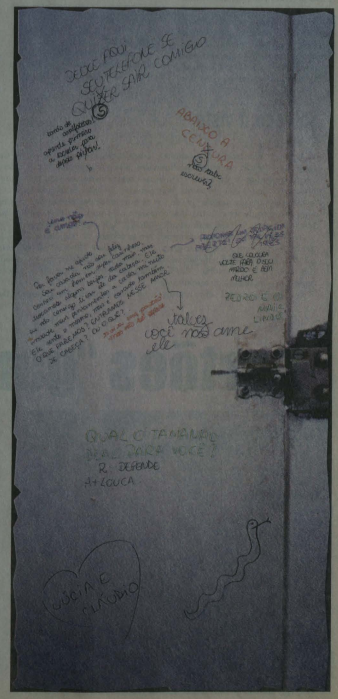
Depois de decretar a extinção do Programa Especial de Treinamento (PET), o secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, Antonio MacDowell, voltou atrás e está reformulando o projeto. Se for aprovado, o novo PET entra em vigor no dia 1º de julho.

O projeto do MEC visa o fortalecimento das políticas acadêmicas e o maior envolvimento dos cursos de licenciatura. Haverá uma maior integração entre as áreas de atuação do programa e entre o ensino de graduação e pós-graduação. Com as novas regras, os docentes orientadores deverão ter doutorado e as instituições de ensino superior que participam do sistema nacional de avaliação (Provão) poderão apresentar sugestões. O novo PET prevê ainda a redução do número de bolsistas de 12 para 7 por grupo.

As universidades têm até o próximo dia 18 para apresentarem uma contra-proposta, mas o projeto já encontra resistência no meio acadêmico. A professora do departamento de Biologia Molecular, Sônia Bao, tutora de um grupo na UnB, avalia que o novo programa foge totalmente da filosofia acadêmica. Para a professora a proposta ainda é "muito verde".

O representante da Executiva Nacional em Defesa do PET, Danilo Souza, também crítica o projeto do MEC. "A decisão do MEC em usar a verba do Programa para criar um Frankenstein é um crime, além de ignorar as decisões da Câmara, do Senado e das universidades", disparou.

"Precisamos "ter uma" discussão mais aprofundada", concluiu a professora Bao.



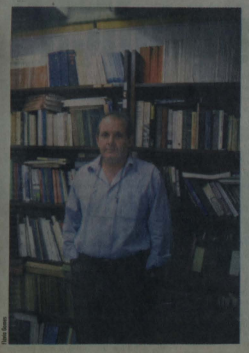
O homem de 1 milhão de reais

Geologia busca verbas alternativas para manter a estrutura

Cláudia de Araújo

Márcio Pimentel, professor do departamento de Geologia da UnB há 12 anos, tornou-se mestre na própria universidade em 1985. Desde que começou a lecionar, sustenta uma causa a mais na Geologia: manter um nível estrutural adequado ao aprendizado dos alunos. Pós-graduado na Universidade de Oxford - Inglaterra, o professor investe em projetos e pesquisas a fim de gerar recursos financeiros e estruturais para o departamento.

Mesmo com a bagagem de ser um geólogo destacado pelo prêmio do Congresso Internacional de Geologia, não arrasta o pé na UnB. O prêmio, financiado pela Academia Russa de Ciências, é conferido a cada quatro anos. Ano passado foi a vez de Pimentel ser condecorado, no Congresso realizado no Rio de Janeiro.



O melhor geólogo do mundo dá aulas na UnB

O professor dedica o tempo em que não está dando aulas a elaborar projetos para captação de recursos. "É uma escolha minha trabalhar somente na UnB, pois não teria tempo para me dedicar aos projetos e pesquisas se prestasse outros serviços", disse. O departamento dispõe de diversos laboratórios. Quatro deles, destinados à pesquisa, custaram R$ 1 milhão cada. Segundo o professor, a UnB não gera recursos suficientes nem para a construção nem para a manutenção dos laboratórios, financiados pelo governo. A maior parte dos recursos vem do Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT).

O laboratório de Geocronologia, destinado ao estudo de datas, rochas e minerais, nasceu de um projeto do professor. É onde Pimentel leciona e realiza pesquisas. Mas o trabalho e a dedicação não param por aí. O professor alerta que não basta apenas montar laboratórios, é necessário também gerar recursos para mantê-los. "Os laboratórios maiores consomem, anualmente, entre R$ 70.000 e R$80.000 cada", explicou. O dinheiro para a manutenção vem de pesquisas encomendadas por empresas, por institutos como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e o Ministério da Ciência e Tecnologia, entre outros.

Mas as pesquisas do departamento estão ameaçadas pela demora do governo em realizar um concurso para a contratação de novos professores. Dos 30 docentes, quatro são visitantes e só podem permanecer na universidade com contrato de um ano, renovável por mais um. "A troca de professores ameaça constantemente o andamento dos projetos e prejudica a conclusão de pesquisas do departamento", concluiu Pimentel.

Fotos: Flávio Gomes





Na cozinha do Bandejão (foto à esquerda), só mexe nos alimentos quem estiver de touca, máscara e luvas. Em várias cantinas e restaurantes espalhados pelo campus, o cuidado não se repete. Muitas vezes, um simples lanche pode acabar em dor de barriga.

Armadilhas para o estômago

Sujeira, descuido com a comida e infra-estrutura precária comprometem higiene nas lanchonetes e nos quiosques da universidade

Wellton Máximo

Cuidado. Da próxima vez que for comer na UnB, a vítima pode ser você. Práticas na hora de matar a fome, as refeições nas lanchonetes, nos restaurantes e nos quiosques do campus podem resultar em problemas digestivos para quem costuma comer fora de casa.

O alerta foi dado no dia 28 de março, quando o restaurante chinês *Tiger*, na Casa do Estudante Universitário, foi interditado pela Vigilância Sanitária por cinco dias. Segundo a inspetora de saúde Lúcia Helena Chagas, os maiores problemas eram o acúmulo de gordura e sujeira, e o descuido no preparo da comida.

"A bancada da cozinha não era lavada com freqüência, o que poderia provocar a contaminação dos alimentos", explica Lúcia Helena. "Além disso, não havia uma área separada para os panos de chão e os baldes de lixo." Há três anos disputando na Justiça o direito de permanecer no local, o dono, Wang Wing Yen, diz-se perseguido pela Fundação Universidade de Brasília (FUB). "Tudo não passou de mais uma tentativa de me tirarem daqui sem me indenizarem", acusa.

Wang até admite ter cometido "falhas administrativas", mas diz que a questão da higiene foi usada como pretexto por seus adversários. "De fato, fomos lá por causa de uma denúncia anônima, mas a briga na Justiça não tem nada a ver com as normas sanitárias", rebate Lúcia Helena. Embora ela assegure que, "agora a cozinha está 90% melhor", Wang ainda não conseguiu recuperar a freguesia: "O estrago na minha imagem foi grande".

Flávio Gomes



A Prefeitura pretende construir tanques para a lavagem dos utensílios

Sem água

Nas cantinas e carrocinhas do Minhocão, o problema é a precariedade da infra-estrutura. Sem água nos estabelecimentos, os funcionários das lanchonetes lavam os utensílios nas torneiras espalhadas pelo ICC. "Falta espaço para tudo, tanto para preparar quanto para estocar a comida", desabafa Paulo Roberto Nascimento, dono de uma cantina no Ceubinho. Ele alugou uma loja na 409 Norte só para servir de apoio: "Eu procuro levar o que posso para lá, mas, quando não dá, o jeito é recorrer às torneiras".

A vendedora de sanduíches Fabiana Malaquias também admite usar as torneiras, mas defende-se e destaca a qualidade de seus produtos: "Não congelo nada e faço tudo na hora". Outra comerciante, Sônia Santos, garante que evita a torneira próxima a seu quiosque. "Uso bastante material descartável", ressalta. "Até a água para deixar as panelas de molho eu trago de casa."

Para amenizar a situação, a Prefeitura aprovou a construção de dois tanques, um em cada ponta do Minhocão, no subsolo. "Os locais foram escolhidos por contarem com saídas de esgoto e caixas de gordura", explica o diretor de gestão ambiental da Prefeitura, Weglisson Medeiros. Paulo Roberto, o dono da cantina, comemora: "Agora a água não vai empoçar, nem [illegible] criar mau cheiro".

O telefone da Vigilância Sanitária é 345 8426

Insetos e roedores

Outro problema é a proliferação de insetos. Mesmo se dedetizados periodicamente, os estabelecimentos ficam em construções antigas, o que não garante a eliminação dos bichos. A estudante Luísa Guimarães Lima já viu uma barata numa estufa de salgados. "O dono me explicou que não adiantava dedetizar, que os insetos não sumiam", conta.

"Eu tento manter o lugar limpo, quem não cumpre com a obrigação é a UnB", alega Margarida Oliveira, dona da lanchonete Nossa Senhora de Fátima, na Biblioteca. "Só me resta isolar o local e torcer para nada entrar aqui." Por ficar no subsolo do prédio, a Vigilância Sanitária exigiu a colocação de telas nas basculantes, as quais já tinham grades, para evitar a entrada de insetos e ratos.

Bandejão

Cozinheiros de máscara, touca e luvas. Carne entregue somente em caminhões frigoríficos. Treinamento e monitoramento constante dos funcionários. No Restaurante Universitário (RU), os empregados são obrigados a lavar as mãos na entrada da cozinha e a usar um gel antibactericida nas luvas. Os restos de comida servem de lavagem para porcos e não vão para o lixo. "Além de sermos mais rigorosos que muitos restaurantes, nosso lixo é limpo", orgulha-se a diretora, Rita de Cássia Oliveira.

Mas ela reconhece problemas na estrutura física do prédio. "A construção é antiga e sem azulejos", explica. As infiltrações também são um problema constante. Há dois anos, o RU trocou o encanamento de esgoto, que estava enferrujado. Por causa dos vazamentos, o piso da cozinha está todo remendado. Outra dificuldade, segundo Rita, é quanto à aceitação das normas: "Enfrentamos resistência dos funcionários".

Solução à vista

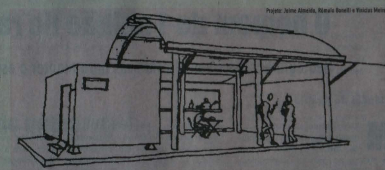
Além da construção dos tanques, outra melhoria está por vir. O Centro de Planejamento (Ceplan), concluiu os estudos preliminares para a transformação dos quiosques e das carrocinhas em módulos pré-construídos, com água e eletricidade. Ao lado haverá um espaço coberto, com mesas. As vigas serão de bambu e as paredes, de material reciclável.

Os primeiros contemplados vão ser os quiosques das pontas das alas norte e sul do Minhocão e do Instituto de Artes (IdA), que entraram com processo para ganhar autorização definitiva de funcionamento. O custo será dividido entre a UnB e os comerciantes.

Segundo o coordenador do projeto, o professor de Arquitetura da UnB Jaime Almeida, os módulos começam a funcionar dentro de dois meses: "Eles não só vão melhorar as condições sanitárias, como ajudarão na urbanização do campus". Satisfeita, a vendedora Sônia Santos, uma das beneficiadas, constata: "Era a melhor maneira de expandir o negócio sem comprometer a higiene e a qualidade do atendimento".

Outras informações sobre o projeto, no endereço **http://www.unb.br/fac/campus**

Projeto: Jaime Almeida, Rômulo Bonelli e Vinícius Meirelles



O projeto dos módulos prevê banheiro, área de serviço e cobertura para cada estabelecimento

Portões "garantem" segurança

Daniel Araújo



As bicicletas dos alunos estão a salvo com as grades

Marcus Amaral

Pelo menos para alguns alunos. As grades instaladas no minhocão já estão em uso. Estudantes com bicicletas utilizam os portões para prender o veículo e evitar o furto. Aranhas também se beneficiaram, seguem construindo teias no meio da ferrugem pacientemente.

Paciência também é virtude do reitor. Desde o dia 14 de março, Lauro Mohry espera. Ele enviou uma circular a cada diretor de instituto, faculdade e departamento da UnB solicitando o pronunciamento "a respeito da colocação de portões nas entradas do ICC", no que afirma ser uma atitude democrática.

Dos 22 consultados, seis são a favor: os Institutos de Letras (IL), de Geociências (IG), de Ciências Exatas (IE), de Biologia (IB), de Física (IF) e a Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária (FAV). As Faculdades de Tecnologia (FT) e de Saúde (FS) ficaram neutras. A maioria dos diretores, 14, não respondeu.

Tiago Melo concorda com o posicionamento do Instituto de Física, onde estuda, e diz que representa a vontade da maioria dos colegas de curso. Porém, ele acha que a medida não é suficiente para solucionar os problemas. "Recentemente um professor teve o equipamento roubado e não havia sinal de arrombamento. Os funcionários facilitam a ação", conta Tiago.

Pedro Mandai, da Geologia, acredita que para a maioria dos alunos o assunto pouco importa. "Nunca fui consultado e acho que o posicionamento não reflete a vontade dos estudantes", diz.

Recentemente foram roubados cinco aparelhos do Instituto, num total de US$ 100 mil, aproximadamente. "Os portões não resolvem nada. As grades simbolizam o afastamento entre a faculdade e a comunidade", acredita Pedro.

No IB, os representantes dos alunos foram contra o cercamento do Minhocão, porém a vontade da maioria dos professores prevaleceu. A decisão conjunta foi a de colocarem os portões e realizarem estatísticas sobre a violência na universidade antes e depois do novo controle de acesso.

O monitoramento, etapa complementar à colocação dos portões, já foi implantado no prédio do Ceftru, um convênio da UnB. Segundo o prefeito do campus, Joaquim Arnoldo, o índice de roubo nesse prédio caiu a zero.

Ano XIII primeira quinzena de maio de 2001 FAC-UnB



Quem vencer nas urnas ainda não é o reitor. A última palavra é do presidente Fernando Henrique. O resultado da eleição costuma ser respeitado, mas ele tem poderes para escolher qualquer dos três mais votados. O Consuni manteve a regra da eleição de 1997.

Com a palavra, os candidatos

O que eles pensam sobre as condições de trabalho dos professores

Isabel Fonseca e Michel Gomes

A situação dos professores na Universidade de Brasília é um dos pontos de destaque nos discursos dos candidatos. Um dos principais é a contratação de professores substitutos, além da falta de reajuste salarial. São seis anos sem aumentos.

"Muitos trabalham sem a infra-estrutura ideal", lembra o candidato de oposição Antônio Nepomuceno. "A verba repassada pelo Governo é insuficiente para as despesas da UnB", queixa-se o da situação, Lauro Morhy. "A UnB tem capital intelectual e acadêmico para exigir mais", defende o outro concorrente oposicionista, Volnei Garrafa. Na segunda matéria da série sobre as eleições para reitor, a questão dos docentes é o foco.

O atual vice-reitor, *Timothy Mulholland*, candidato à reeleição, comenta que "não deve existir essa quantidade enorme de professores descompromissados com a instituição, ganhando baixos salários". Sobre a isonomia salarial, eles são favoráveis para os docentes em início de profissão. Pois os títulos e a produção acadêmica devem ser estímulos para conquistar incrementos durante a carreira.

O grupo da situação também critica a proposta do Ministério da Educação (MEC) de acabar com a estabilidade. Essa medida prejudicaria a aposentadoria dos professores. Eles passariam a fazer parte do grupo de trabalhadores regulamentados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), recebendo no máximo R$1,2 mil mensais.

Como todo funcionário público, o professor está sem reajuste salarial há seis anos

Nepomuceno diz que "é inadmissível termos mais de 200 professores substitutos com contratos de curto prazo e sem vínculos permanentes com a instituição". O professor da Engenharia Civil acredita que a solução para a escassez de professores não deve ser buscada por uma só universidade pública. "É preciso uma pressão da Associação Nacional das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) para receber mais apoio do Governo". Ele diz ainda que boas condições de trabalho, como instalações adequadas, aparelhos e laboratórios novos serão prioridades caso seja eleito.

Volnei critica a administração da UnB por não fazer jus ao seu prestígio. A Universidade, segundo ele, tem força no contexto acadêmico nacional e autonomia suficientes para reivindicar mais professores. "Os últimos reitores adotaram uma política de 'sim senhor' diante do MEC, o que não pode mais acontecer", critica. "Não temos que jogar pedra no Ministério, temos que ter uma boa relação de respeito, mas com firmeza."

Em relação à proposta do MEC de avaliação dos docentes, ele é a favor. É um estímulo para o professor subir de grau, inclusive ganhando mais. "Deve se ganhar por produtividade", conclui.

Em muitos departamentos, o quadro de professores é mantido por projetos de captação de recursos ou convênios. São alternativas para preencher a lacuna existente entre os gastos da Universidade e os repasses da verba.



Fotos: Daniel Araújo e Vilela Gomes

Falta de professores e salários baixos são problemas que o próximo reitor terá que resolver com urgência

O peso dos votos

(alunos+funcionários) X 2 < professores

Sempre que chega o período eleitoral, professores, funcionários e alunos lembram-se de discutir questões que ficaram pendentes durante os últimos quatro anos. Uma delas é a do peso dos votos no processo eleitoral. Desde as últimas eleições na UnB, em 1997, os votos dos professores valem 70% do total, os dos funcionários, 15%, e os dos alunos, os outros 15%.

A discussão envolve a legitimidade da forma de votação. É melhor manter a proporção atual? Os professores devem ter mesmo a maioria, mas com margem menor de peso? Ou é mais justo retornar à divisão igualitária entre os três grupos, como foi nas eleições de Cristóvam Buarque (1985), Antônio Ibáñez (1989) e João Cláudio Todorov (1993)?

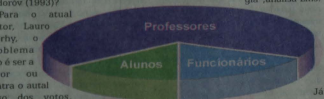
Para o atual reitor, Lauro Morhy, o problema não é ser a favor ou contra o autal peso dos votos. Trata-se do sistema que foi le-galmente estabelecido e que, se não for adotado, torna a eleição ilegal. "O modelo vigente não me agrada, mas também não sei se seria bom o modelo paritário", afirma.

Contra o voto paritário, Antônio Nepomuceno considera que talvez os percentuais possam estar mal formulados. "Mas os professores devem ter o peso maior dos votos por ter a responsabilidade de conduzir a universidade", justifica.

O candidato a vice de Nepomuceno, Gustavo Lins Ribeiro, acrescenta que não se deve pensar a política universitária como um universo igual ao da política republicana democrática, onde cada pessoa tem direitos iguais. "Fazer essa equivalência é uma confusão que pode desembocar, em populismo e demagogia",analisa Lins.



Modelo Antigo



Modelo Atual

Gráficos: Roberto Fregoso

Já Volnei chegou a encaminhar um parecer ao Conselho Universitário (Consuni) com a proposta de paridade, que, segundo o candidato, sequer foi discutido. "As eleições passadas, com voto paritário, transcorreram muito bem", lembra Volnei. Para ele, os alunos deveriam ter mais espaço. Foram eles que defenderam a UnB nos momentos mais difíceis.

O estudante de sociologia e membro do Consuni, Haroldo Fernandes, considera errado o peso dos votos dessa eleição. "A parida-de é que é justa, como acontece em universidades como a UFSCar (Universidade Federal de São Carlos), a UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso) e a UFU (Universidade Federal de Uberlândia), que trabalham assim por vontade política e autonomia, optando por um processo democrático."

Neste processo eleitoral o sistema de apuração permanecerá com a divisão 70-15-15. O Consuni, composto também por mais de 70% de professores, optou por não questionar a lei federal nº9192/1995 que define os 70% do peso dos votos para o corpo docente nas eleições para reitor.

Colaborou Daniel Araújo

DÚVIDAS?
AVISOS?
PEDIDOS?

RESOLVA
PESSOALMENTE

PORTA DE BANHEIRO
NÃO É MURAL

DIREÇÃO DE ARTE FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

256 :: primeira quinzena de maio de 2001 :: FAC-UnB


Flávia Gomes

Nas aulas de Kung Fu, ao meio-dia, no CO, alunos aprendem a equilibrar corpo e mente. A luta é apenas uma das oferecidas pela UnB, além de jiu-jitsu, capoeira e aikidô. Os preços, normalmente, não passam da metade do cobrado nas academias e clubes da cidade.

Não fique parado

Escolinhas, equipes de treinamento e torneios são algumas das opções para quem não quer ficar parado durante o ano letivo

Juliana Cézar Nunes

Fim de semana, horário de almoço ou início da noite. Para quem estuda o dia todo ou trabalha meio período, esses são os melhores horários para praticar algum esporte e arejar a cabeça. Na UnB existem dois programas de atividades comunitárias com inscrições abertas o semestre inteiro. Um deles é organizado pela Faculdade de Educação Física (FEF), que oferece 10 tipos de esportes para quem estiver interessado em praticá-los com o conforto de não precisar sair do campus.

As mensalidades das escolinhas variam de R$ 35,00 a R$ 70,00. As aulas de tênis, por exemplo, custam menos que a metade do cobrado nas academias e clubes da cidade. Além disso, os alunos que não têm material esportivo podem pedir ajuda à coordenação do FEF.

O programa ainda prevê acompanhamento das condições físicas e nutricionais do aluno. Esportes radicais, aquáticos e lutas, como escalada, capoeira, natação, hidroginástica, jiu-jitsu, aikidô e kung-fu, são outros atrativos. A dança também faz parte da programação. Nesta modalidade são oferecidas aulas de dança do ventre e frevo.

Estudantes, funcionários e professores também podem exercitar o molejo nas aulas oferecidas pelo Núcleo de Dança. Os coordenadores do Núcleo incluíram na programação aulas de ballet clássico, tai chi-pai lin, capoeira angola, dança contemporânea, dança de salão, dança flamenca e xamanismo. O preço das modalidades variam de R$ 25,00 a R$ 50,00.


Flávia Gomes

Aula de capoeira é uma das atividades oferecidas no Centro Olímpico

Atividades gratuitas

Para quem é profissional do esporte e está disposto a levar os treinamentos a sério, a Associação Atlética Acadêmica da UnB (AAUnB) oferece vagas nas equipes oficiais. Os atletas que se inscrevem no programa da AAUnB precisam apenas treinar e participar das competições. Em junho, por exemplo, a Associação vai fazer uma pré-seleção para a equipe de futebol de campo.

"Estaremos aceitando inscrição de qualquer pessoa. Mas faremos uma peneira para escolhermos quem melhor pode representar a universidade", explica Sharam Afrari, secretário-geral da AAUnB.

Além dos treinos em equipes, os alunos podem participar dos torneios internos. Em abril, o Campeonato de Bete do Centro Acadêmico de Letras reuniu 29 duplas de estudantes (veja cobertura completa no Campus on line). Para reservar quadras e ginásios, os alunos precisam apenas procurar a coordenação do CO com antecedência.

Serviço:

Faculdade de Educação Física
Telefone: 307-2250
Núcleo de Dança
Telefone: 305-2555 – 274-5411
Associação Atlética Acadêmica da UnB (AAUnB)
Telefone: 307-2723

ABAIXO DA L2 Norte

Monitoria Criativa

A disciplina Introdução à Economia oferece um diferente serviço de monitoria. Com apenas seis bolsas destinadas ao projeto, conseguiram disponibilizar uma estrutura de quatro professores e 14 monitores. O serviço já funciona há seis semestres e atende a 150 alunos, em média, apenas no horário de meio-dia. Resolução de exercícios, organização e fiscalização de provas e atendimento via *e-mail* são algumas das formas de auxílio aos alunos. A iniciativa está ajudando a suprir a falta de professores do departamento. Para cobrir a demanda de mil matrículas na disciplina, todo semestre, seriam necessários 20 professores para as 20 turmas. O índice de aprovação da disciplina nas turmas monitoradas nunca esteve abaixo dos 90% desde 1999. Quem estiver pensndo em se matricular na disciplina, vale a pena procurar o serviço.

Teatro Caleidoscópio tem Workshop em maio

O Teatro Caleidoscópio é um projeto de pesquisa coordenado pelo ator e diretor André Amaro. O diretor toma emprestada a dinâmica do caleidoscópio para orientar o trabalho biomecânico do ator e situá-lo expressivamente no espaço cênico. A técnica utiliza o potencial físico (corpo, voz, respiração) e as energias internas do ator (pensamento, sensibilidade, intuição, espontaneidade).


Divulgação

O Workshop Teatro Caleidoscópio é uma vivência de dez dias onde o participante poderá exercitar a linguagem teatral, observando as regras do "jogo da improvisação caleidoscópica".

Informações Úteis
Data: 14 a 25 de maio de 2001
Hora: 20h às 23h
Local: Casa d´Itália (208/9 sul)
Custo: R$ 210,00
Informações e Inscrições: NAC – Núcleo de Arte e Cultura – HIGS 705 Bloco "I" Casa 47 – Tel: 443.0606

Campus on-line

Nossa página on-line já está funcionando e conta com informações de serviço e últimas notícias da UnB. Confira também a íntegra da palestra do jornalista Reynaldo Jardim, criador do Caderno B do Jornal do Brasil. Saiba também o que foi decidido na última reunião do Consuni.
Acesse o site **www.unb.br/fac/campus**

7 Erros


Fabiano Ribeiro



1. Barata na lateral direita do trailer 2. Rato atrás da roda 3. Parafusos do meio na parte de cima do trailer 4. Ruga no pescoço da mulher 5. Lata ao lado da caixa de dinheiro na prateleira de baixo 6. Dedo mindinho da mão esquerda da mulher 7. Lanterna do trailer, 'a direita

A SOLIDÃO DA VIDA PRIVADA por Adolar Gangorra

Está mais do que provado que o homem é um ser puramente social. Não vive sozinho nem à cacete. Por isso, foi adaptando todas as suas necessidades ao coletivo. Pode-se nascer, crescer, comer, dormir, se reproduzir e até morrer com , pelo menos, alguém do lado. Entretanto, existe uma atividade fundamental que foi arrancada do testemunho do grupo. Condenada a um exílio eterno e sem direito a julgamento. Refiro-me, com pesar, ao solitário ato defecativo, o famoso "fazer cocô", este injustiçado eremita do destino.

O "cocô diário" é imprescindível para a boa saúde do organismo, porém é tratado como uma vergonhosa anomalia biológica. Todo mundo faz, mas ninguém admite: "Desculpe professor, cheguei atrasado hoje porque estava cagando em casa!", esta frase não passa de uma utopia maravilhosa porque a sociedade resolveu omitir o cagar por ainda não estar preparada para entender sua grandeza e importância.

Por que somos obrigados a fazer cocô sozinhos? Ninguém sabe realmente. A desculpa esfarrapada que cagar é nojento e repugnante não convence nem o mais ingênuo dos mortais. Certos programas de televisão que estão por aí são muito mais repulsivos. A verdade é que se o ser humano tivesse se habituado a obrar na frente do seu semelhante teria desenvolvido enormemente a virtude da tolerância e hoje não teríamos conflitos de nenhuma espécie; brancos abraçariam negros, judeus rezariam com árabes, palmeirenses incentivariam corinthianos, genros odiariam sogras e vice-versa. Porque ao cagar e ver cagar, o homem se humanizaria. Aceitaria melhor o íntimo alheio. Não idealizaria a perfeição e assim seria incapaz de exigi-la do seu próximo. Ali, agachado coma as mãos na barriga e com a testa franzida, o indivíduo é apenas mais um cagão, desprovido de vontades, status, quimeras e paixões. É somente e tão somente um manso de espírito, de mente e reto abertos para o Universo.

Adolar Gangorra, 58 anos, é editor do periódico *Os Reis da Gambiarra* e faz na sua vida pública o mesmo que faz na privada

A todo momento a sociedade tenta desesperadamente esquecer que todos os seus 6,5 bilhões de membros fazem cocô todo santo dia... e como fazem! É lei imutável da Natureza. Porém, tudo é arranjado para que nem você se lembre de defecar: " O quê? Deve estar havendo algum engano. Eu não faço este tipo de coisa!" , ou então: "Quem? Eu? Sinceramente, Fontana, eu nunca fiz um bostolete na vida!" A família, A Igreja, o Exército, a publicidade, todos teimam em ignorar o resultado da digestão custe o que custar. Ninguém gosta de imaginar a Xuxa fazendo uma força dos diabos na privada, só que a verdade nua e crua é que é que a rainha dos baixinhos também estrangula o moreno todo o dia no seu "trono". Cindy Crawford? Linda...sexy...perfeita... demite o tolentino assim que lhe dão uma chance! Bruna Lombardi? É só assistir o seu programa para notar a sua enorme intimidade com a arte de pintar a louça de marrom. Kim Bassinger? Caga. Michelle Pfeiffer? Também caga. Gisele Bundchen? Faz mais cocô do que eu e você juntos! Até os objetos relativos ao universo merdal tentam inutilmente fantasiar a realidade. Veja só: vaso sanitário, toilete, papel higiênico, banheiro, etc. Banheiro? Como se o banho fosse a coisa mais importante a ser feita nesse aposento! Banheiro, uma conversa! O nome certo deveria ser "cagueiro"!

Infelizmente, um retrato da farsa em que vivemos pode ser encontrado num famoso verso popular que diz: " Quando cago, sinto uma solidão profunda. A bosta bate na água e a água bate na bunda." Um dia, talvez, poderemos ler em uma prosaica parede de banheiro (ou cagueiro): " Quando cago, me sinto aliviado pois posso conversar com esse cagão aqui do meu lado."

Nina Guimarães

HUMOR



Foto: Augusto Castro

Na L3 norte, escondidos atrás de matagais, *outdoors* e cercas existem moradores que viram os barracos de madeira no início da construção da universidade. Suas histórias sintetizam a realidade social do Distrito Federal.

Nas margens da universidade

Ao redor do campus Darcy Ribeiro, vivem famílias e grupos de baixa renda em áreas destinadas a clubes, igrejas e escolas

Augusto Castro e Juliana Cézar Nunes

(continuação da capa)

Rachel e Terezinha são matriarcas de duas famílias que moram ao lado do Hospital Universitário de Brasília. Terezinha Pinto, 70 anos, dona da segunda casa, veio do interior mineiro há 42 anos. "Quando cheguei aqui, a UnB era apenas um barraco", conta a viúva de Jonas, ex-funcionário da agência central do Banco do Brasil.

Logo que chegaram à nova capital, instalaram-se ali, onde criaram 11 filhos. Hoje, moram na casa a mãe, os filhos solteiros e aqueles que precisam de pouso temporário.

Nos últimos tempos, a família tem convivido com a violência que ronda o campus. Há algumas semanas, ladrões que tinham se escondido no quintal mataram um dos cachorros da família. "Ele tinha um furo na barriga. Não sei se era tiro ou facada", lamenta Terezinha.

Assim como ela, o filho Márcio da Cunha, que nasceu no dia da inauguração da capital, acha que ainda vale a pena morar por aqui. "Ninguém tira a gente daqui. O terreno é nosso", garante.

E é em busca dessa garantia, que Rachel Linhares, 30 anos, está na justiça para conseguir a escritura do lote de 90 metros quadrados, bem ao lado do HUB. O pai de Raquel, Carlúcio, ganhou o terreno em 1964 por ter trabalhado na terraplanagem dos lotes da região.

As últimas obras de expansão do HUB deixaram o hospital mais próximo da casa. No entanto, desde dezembro do ano passado, Raquel e duas irmãs convivem com uma fumaça que sai da chaminé da lavanderia do hospital. "Eles dizem que é só roupa. Mas o cheiro é horrível", reclama Rachel.

As irmãs já encontraram máscaras e luvas cirúrgicas no quintal. Além disso, a casa já foi assaltada uma vez. Os ladrões levaram aparelhos eletrônicos e, por sorte, a casa estava vazia. Mesmo com tantos problemas, a família não pretende abandonar a casa enquanto não conseguir a escritura definitiva do lote. "Tenho certeza que vamos conseguir", diz Rachel.



Foto: Augusto Castro

Maria de Lourdes, Derivaldo (colo), Linvaldo e Nivaldo são retirantes nordestinos acampados na entrada norte da UnB

Catadores de latinhas

Os professores, alunos e funcionários que moram no campus convivem mais de perto com alguns dos vizinhos da UnB. Os moradores da Colina, por exemplo, têm como paisagem barracas de lona preta montadas a poucos metros dali, num descampado do outro lado da pista. Nessas barracas, vive um grupo itinerante com mais ou menos 35 pessoas, a maioria catadores de latinhas.

Jean Rodrigues Silva, 26 anos, é um desses catadores. Veio de Feira de Santana (BA), onde era percussionista de uma banda regional. Ganhava pouco, mas podia viver com certos luxos. "Eu bebia e farreava muito. Achei melhor largar aquela vida", lembra Jean, que estudou até a 5ª série. Há cinco meses, conheceu Luzia Dias, 32 anos, baiana de Juazeiro. Vivem juntos, andando pelo cerrado e acampando em lugares diferentes.

Luzia, grávida de quatro meses, ajuda o companheiro a catar latinhas. Vendem o quilo a R$ 1,50, o que garante a ida a Brasilinha nos fins de semana. "A gente tem um lote lá, mas Brasilinha é muito ruim de emprego", conta Luzia, que nunca estudou na vida. Ela chegou no DF há mais de 10 anos e já tem título de eleitor. "Votei nesse infeliz aí, não devia ter votado, prometeu muita coisa e não fez nada, só mandou desmanchar barracos".

O pernambucano José Linvaldo da Silva, 36 anos, é outro integrante do grupo vizinho à Colina. Chegou no DF há dois anos, vindo de Irecê (BA), onde morava com a esposa, Maria de Lurdes. O filho do casal, Derivaldo, 3 anos, veio com os pais, mas o clima seco piorou os problemas respiratórios do garoto.

Quase todo mês, Linvaldo e Lurdes precisam levar o filho para o HUB ou Hran. Linvaldo desabafa: "O sofrimento estraga a gente. Não me deixam nem lavar, nem vigiar carro. Sou um pai de família, tenho que sustentar meu filho".

Hoje, Linvaldo também ganha a vida recolhendo latinhas nas comerciais da Asa Norte e no campus universitário. Aliás, a UnB está na lista das 17 áreas do Plano Piloto que mais contribuem para a economia do lixo no Distrito Federal. O mapeamento foi feito por Benício de Melo, do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB.

Segundo ele, tudo que jogamos fora sustenta famílias e grupos de catadores que moram nas invasões ao lado do Iate Clube, Academia de Tênis, Setor de Embaixadas Norte, Palácio do Jaburu e Vila Planalto. "Eles são bem organizados. Costumam vir aqui à tarde ou à noite e podem ganhar cerca de R$ 400,00 por mês", conta Benício, que, ainda este semestre, irá publicar um estudo completo sobre a geografia do lixo no Plano Piloto.

Colaborou Roberto Fragoso

Eles não precisam de vale-transporte

Funcionários de clubes e pescadores dormem ao lado do trabalho

A maioria das pessoas enfrenta engarrafamentos no caminho para o trabalho. Alguns funcionários do Minas Brasília Tênis Clube não têm esse problema. Eles fazem parte das quase 26 famílias que há 30 anos moram ao lado do clube.

Antes das obras de expansão do Minas, há 15 anos, eles foram autorizados pela diretoria a construir casas dentro do terreno. Depois de concluídas as obras, eles montaram, ao lado, a vila onde moram.

Como o terreno pertence ao GDF, o Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal já cadastrou os moradores da vila na lista de pessoas de baixa renda que não possuem casa própria. Mas quem mora há 30 anos no mesmo lugar não pensa em mudar de endereço.

Há 30 anos, os moradores da Vila do Minas lutam pela escritura do terreno

Na Vila do Minas, já existem adultos que foram criados às margens do Lago Paranoá, em um terreno destinado a clubes. William Ribeiro, 26 anos, é um deles. O aluno de estatística está na lista das poucas pessoas que estudam na UnB e moram nas proximidades do campus, em casas ou vilas.

Sua mãe, Maria Helena Ribeiro, 46 anos, é casada com o vigia noturno do clube. Segundo ela, a diretoria do Minas ajudou na construção das casas e da rede de abastecimento de água e luz.

Waldemar Alves, 59, e Maria da Penha Gomes, 52, também moram perto do trabalho. A casa deles fica dentro do terreno do Clube Vizinhança, no início da L3 Norte.

Vigia noturno do clube, Waldemar chegou a Brasília há 22 anos. O casal veio de São Paulo, onde se conheceu 29 anos atrás. Mudaram para cá em busca de melhores empregos. Logo que chegou, Waldemar conseguiu o trabalho.

Segundo Maria da Penha, o barraco foi construído a mando do diretor do clube e nunca tentaram tirá-los de lá. Ela diz também que nunca tiveram problemas com ladrões. "Nem o barulho dos carros que vão pra UnB bem cedo incomodam a gente".

Por causa do baixo salário (R$ 180,00 mensais) Waldemar, nascido em Gravatá de Bezerra (PE), não paga aluguel, água, nem luz. Tudo fica por conta do Vizinhança. Maria da Penha conta que conhece muito pouco a UnB, mesmo já tendo trabalhado como copeira na agência do Banco do Brasil do campus.

Pescadores do Lago

Eles trabalharam nas obras que deram continuidade à construção da nova capital. Estão em Brasília há quase 30 anos, vindos de diferentes estados, como Piauí, Bahia e Pernambuco. Alguns deles conseguiram construir casas em cidades próximas ao Plano Piloto. Mas a dificuldade em encontrar emprego levou esse grupo de dez pessoas a montar uma barraca de lona às margens do Lago Paranoá. São pescadores que vivem ao lado das cercas da Estação Experimental da Biologia, reserva ambiental utilizada por alunos e pesquisadores da universidade.



Foto: Augusto Castro

"Tem uma cobra por aí. Mas como não mexo com os bichos, eles não mexem comigo" , diz Sérfulo, ao lado de sua cama

Sérfulo, 43 anos, Galdino, 54, e Roberto, 52, fazem parte desse grupo. Durante a semana, eles montam acampamento para tentar ganhar a vida vendendo peixes a R$ 2,50 o quilo. No entanto, nem sempre conseguem dinheiro para visitar os familiares, principalmente, nas semanas em que cada um arrecada apenas R$ 0,20. Alguns deles deixam escapar que não têm família ou lugar para onde ir. "Meu boné é minha casa", revela Roberto.

Apesar de admirar o trabalho de preservação das árvores, Roberto não tem pretensões de voltar a estudar. "Papagaio velho quando aprende a ler fica gago", brinca. Já Fábio, 17 anos, filho de um dos pescadores, preferiu trabalhar como guardador de carros na Asa Norte e estudar à noite – está no 2º ano do ensino médio. Ele ajuda no sustento dos sete irmãos que moram com a mãe em Brasilinha.

Assim como os outros, Fábio prefere não revelar o sobrenome por motivos de segurança. Apesar de respeitarem os limites estabelecidos pela universidade, eles também estão em um terreno do GDF. "Montamos a barraca à noite para não termos problema", conta Sérfulo, que prefere dormir fora da barraca, mesmo tendo que conviver com os animais que rondam o local.



Há mais de um ano dividindo o apartamento com outros três estudantes, Fábio Vito já conhece bem as regras da casa: se deixar vasilha suja na pia, paga multa. Nos primeiros meses, teve um prejuízo de R$ 30,00.

Bem-vindos ao CÉU

Sair de casa nem sempre é um paraíso, mas pode ser divertido



Planejado para alunos de baixa renda, hoje a CEU abriga mais de 400 estudantes

Flávia Duarte

Passar no vestibular e entrar na faculdade. Para muitos é o primeiro passo para uma carreira de sucesso. Para outros, a aprovação tem um peso maior: significa sair da terra natal, deixar a família para se aventurar numa cidade ou país desconhecidos e morar com pessoas estranhas. Os menos privilegiados ainda enfrentam outro desafio: a falta de dinheiro. Durante os quatro ou cinco anos de curso é preciso arranjar uma forma de se sustentar, pagar as despesas. Os alunos que vêm de fora, muitas vezes, não podem pagar aluguel. Só resta uma alternativa: recorrer ao Departamento de Assuntos Comunitários e solicitar uma vaga na Casa do Estudante Universitário (CEU).

Os dois blocos de apartamentos foram construídos há quase 30 anos em frente ao Centro Olímpico (daí, o termo ceolino). O projeto elaborado por uma equipe do Centro de Planejamento do Instituto de Arquitetura e Urbanismo (Ceplan-IAU), hoje é moradia de 408 alunos. Alguns detalhes atraem olhares de curiosos. O lavatório fica debaixo da janela com vista para a rua. Não é raro ver algum morador fazendo a barba ou enxaguando a boca suja de pasta de dentes. A ausência de cortinas permite que cada movimento dos ceolinos seja observado por quem passa na rua. As roupas penduradas nas janelas despertam o imaginário de quem desconhece o cotidiano dos moradores da CEU.

Uma paisagem exótica, que pode assustar quem visita pela primeira vez. Assim aconteceu com o estudante de Engenharia Civil, Chrisanto Galvão Neto, 21 anos. Quando chegou de Goiânia para conhecer a casa nova, desanimou. "Vi o alojamento e falei pro meu pai: não vou morar aqui, parece uma favela."

Chrisanto mudou de idéia. Encaminhado para um dos 96 apartamentos distribuídos entre os blocos A e B, hoje adora o lugar, que divide com Fábio Vito da Silva, 19 anos, e mais dois universitários. Eles criam suas próprias normas. Na casa deles, a organização é a regra número 1. Todos são responsáveis pela limpeza e ordem do apartamento, mas uma escala grudada na porta elege o "feliz-ardo da semana", que fará a faxina.

As roupas penduradas nas janelas despertam o imaginário daqueles que desconhecem o cotidiano dos moradores da CEU

"É proibido deixar vasilhas sujas na pia", avisa o estudante de matemática Fábio Vito. Quem usa a cozinha tem até meia noite para limpar toda bagunça. Os que não respeitam a lei pagam multa. Cinqüenta centavos por cada copo ou garfo esquecido, valor que é pago a cada moradores. Uma panela suja custa R$ 1,50. Fábio, por exemplo, pagou caro pelo hábito de dormir em frente à televisão. Jantava e deixava as panelas na pia. Muitas vezes, caía no sono assistindo a um filme e só acordava de madrugada, depois do prazo da meia-noite. O prejuízo nos primeiros meses foi de mais de R$ 30,00.

Saudade da mamãe

Muito diferente é o apartamento do estudante de Letras, Leonel Gomes. Lá, a regra é não ter regra. Prático, defende que ter roupa passada é luxo. No apartamento em que mora com mais dois alunos, pacotes de biscoitos abertos convivem bem no meio de livros e papéis. As vasilhas sujas amontoadas no lavatório não são um problema na hora de escovar os dentes. Quando todos os pratos e talheres estão sujos ou o cesto de lixo já está abarrotado, é hora de colocar a mão na massa. "Nessa hora a gente descobre a vantagem de morar com a mãe", avalia.

Aliás, mãe faz muita falta para quem vive na CEU. Com a nova vida, os ceolinos são obrigados a aprender a cozinhar, lavar e passar a própria roupa. Os que ainda não estabeleceram nenhum vínculo com o tanque podem recorrer aos serviços de Maria Pereira de Matos, que trabalha há 15 anos no alojamento. Ela e mais três lavadeiras cobram R$ 12,00 pelo pacote de 15 peças de roupas lavadas e passadas.

Fazer comida é outro desafio. Na dispensa nunca faltam massas, biscoitos e pães. O macarrão é o campeão da lista de compras. Omeletes com arroz e carne também podem ser incluídos no banquete. Os apressados ou desajeitados na cozinha podem optar pelo almoço no Restaurante da UnB que custa R$ 0,50 a R$ 1,00 para os beneficiários da bolsa alimentação. No final de semana, ou enfrentam o fogão ou desembolsam R$ 1,00 pelas quentinhas entregues por uma firma contratada pelo Serviço de Moradia Estudantil (SME), do DDS.

Com o cofre vazio

Sem poder contar com ajuda dos pais, os ceolinos se desdobram para ganhar dinheiro e pagar as contas de telefone, comida e passagens de ônibus. Os moradores estão isentos do pagamento de água e luz, que ficam por conta da prefeitura da Universidade. Em troca, pagam mensalmente uma taxa de ocupação que varia de R$ 3,00 a R$ 12,00, dependendo da situação sócio-econômica de cada um, que segue os critérios de avaliação do Diretoria de Desenvolvimento Social (DDS).

Períodos de recessão são comuns para os alunos. Alexandre Bernardes, 24 anos, sabe o que é isso. Morador há quatro anos da CEU, quando está sem dinheiro recorre ao pai para cortar a grama da casa dele no Lago Norte e receber pelo serviço. Alexandre foi morar sozinho aos 15 anos e desde então se sustenta.

Para Agnaldo Andrade, estudante de Sociologia, quando a carteira está vazia, a solução é comer abacate com açúcar. A fruta, ele colhe do pé, que fica atrás da CEU. Para aumentar as opções, Agnaldo está plantando um pomar em frente ao bloco B. Espera em breve colher abobora, mamão, acerola e garantir a refeição nos dias mais difíceis.

Quem se candidata?

Conheça algumas regras para quem quer morar no CEU :

- O aluno deve estar matriculado em um curso de graduação
- Tem que comprovar que não tem condições financeiras de morar em outro lugar
- Os alunos vindos de outros estados têm preferência

Para não ser despejado

- aluno não pode trancar o curso sem justificativa
- É obrigado a renovar, anualmente, o Termo de Ocupação da Vaga
- Deve pagar todo mês a taxa de ocupação
- Apresentar rendimento acadêmico mínimo de acordo com a avaliação do Decanato de Ensino e Graduação (DEG)

Problemas de relacionamento são comuns

"Muitos alunos chegam à CEU adolescentes e não sabem o que significa dividir espaço com o outro", analisa Rene Boochat, assistente social responsável pela harmonia entre os companheiros de quarto. Conviver com pessoas de hábitos e valores distintos nem sempre é fácil. Na Casa do Estudante, essas diferenças tornam-se ainda mais acentuadas. Quatro, cinco ou até seis estudantes dividem o mesmo quarto. Não há portas no apartamento, com exceção do banheiro. Ter privacidade é quase impossível. O que vale é o bom senso de cada um para respeitar o espaço do outro.

Ricardo Ferreira da Silva, 23 anos, mora há 5 na CEU, mas até hoje têm dificuldades em estabelecer um convívio pacífico com os companheiros. Diz isso porque reconhece ter personalidade forte e emotiva. "Num ambiente em que convivem muitas pessoas, você tem que ter jogo de cintura para contornar as inevitáveis brigas". Ricardo faz licenciatura em informática à noite e durante o dia fica em casa na companhia da gata siamesa Yui. Ele mora com mais três estudantes. Os valores religiosos e ideológicos diferentes, às vezes fecham o tempo na casa.

Na avaliação da psicóloga Maria da Penha Lago, estudiosa das relações humanas há mais de dez anos, a outra razão para os desafetos "está na diferença cultural das pessoas que passam a conviver debaixo do mesmo teto". Mas dividir o apartamento com o nativos de um outro país pode ser um intercâmbio cultural bem interessante. A primeira experiência da mestranda Inéz Gomes Guedes, 25 anos, com estrangeiros foi em 1995, quando morou com duas africanas da Costa do Marfim. Daqueles momentos guarda poucas recordações boas. "Eram pessoas pouco decentes, que não respeitavam o espaço dos outros e não sabiam fazer daqui uma casa de verdade", conta.

Hoje, Inéz mora com outras duas africanas, vindas do Senegal. Uma delas é Ndeye Siny Sarr, o xodó da casa. O hobby da africana é cozinhar. Nesses cinco anos de Casa do Estudante, nunca comeu no Restaurante Universitário. Prefere fazer a própria comida. A especialidade da casa fica por conta do *Thiébu Dieun* , um prato típico do Senegal preparado à base de peixe, arroz e legumes no molho de tomate. Uma iguaria que Ndeye faz questão de servir aos amigos brasileiros.



Inéz teve que enfrentar desavenças com colegas vindas da Costa do Marfim